

Joselia Vieira da Silva
Mestra em Lingüística Aplicada - PUCRS
Professora de Lingüística da FAPI de
São Borja

1 - INTRODUÇÃO

No desenvolvimento da Fonologia, a sílaba é uma das mais discutidas questões fonológicas, apresentando uma longa e ininterupta história.

Ao se estudar a sílaba, várias questões afloram: Como se define a sílaba? Como se determina o limite da sílaba? É a sílaba uma unidade fonética? É a sílaba uma unidade fonológica? Ambas? Ou nenhuma das duas?

E foi levando em consideração estas questões que o presente trabalho investiga a silabação e mais especificamente focaliza as relações da sílaba com o fortalecimento e o enfraquecimento de consoantes e vogais.

No curso da discussão, uma tentativa é feita para testar algumas propostas concretistas recentes no âmbito da Fonologia Generativa Natural (Vennemann, 1972, 1974; Hooper, 1972, 1976).

* Este artigo é uma síntese da Dissertação de Mestrado defendida na PUCRS.

Para determinar a condição estrutural da sílaba do português, seguir-se-ão os mesmos passos de Hooper (1976:231) para o espanhol, considerando a identidade de situação.

Por não haver seqüência inicial \$NLV¹ no português, e encontrando-se, somente, seqüências iniciais com \$CLV, do mesmo modo que o espanhol, se estipulará a condição de que a C que precede uma L² deve ser três pontos mais fortes do que esta, sendo este o ponto de partida para o português, onde todas as consoantes que se combinarem com L, em seqüências iniciais, serão três pontos mais fortes na hierarquia da força.

E, a não existência de seqüências de duas líquidas em posição inicial é básica para determinar que $m > n$, isto é, que deve haver alguma diferença de força entre a primeira e a segunda C em uma seqüência inicial.

1 \$ é o símbolo usado por Hooper e Vennemann em abordagens sobre a sílaba para indicar a fronteira silábica

2 O L, aqui, significa qualquer líquida.

2.1 - Relações de Dorça na Estrutura da Sílabas no Português

Baseando-se no modelo de Hooper, para a condição universal da estrutura silábica preferida, procure-se mostrar a distribuição de consoantes em sílabas do português do Brasil.

(1)

\$ Cm Cn Cp V Cq Cr \$

m1 = / f, v, p, t, k, b, d, g/

m2 = / s, z, ʃ, n, ñ, l, I, r, ʀ, ʁ, ʂ, ʐ/

n = / x, ʎ/

p, q = / y, w/

r = / s, z, m, n, l, x/

O português permite seqüência de consoantes em posição inicial de sílaba e em posição final de sílaba. A composição destas seqüências é restrita e estas restrições devem ser descritas e explicadas.

As consoantes, na posição inicial Cm, são divididas em dois grupos:

a) grupo m 1 são aquelas consoantes que podem ser seguidas por outra consoante. Observe-se que todos os membros do grupo m 1 são obstruintes.

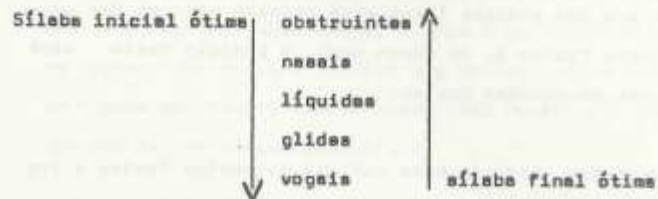
b) grupo m 2 consiste daquelas consoantes que não po-

dem aparecer em uma seqüência. Note-se que o m 2 inclui todas as consoantes e que o grupo r está contido também no grupo m 2. A consoante que pode ocorrer depois de obstruintes em posição Cn, está - também incluída no grupo m 2 e r.

Para as seqüências de consoantes, em posição final de sílaba, como em \$ine\$strução e \$para\$pectiva, que o modelo acima não explicita, tratar-se-á em 7.7.

Nesta Distribuição acima, o que se pode ver, conforme Hooper (1976), é que a ocorrência de um segmento depende de seguinte hierarquia: obstruinte, nasal, líquida, glide, ou vogal. Realmente, Hooper (1976:196) demonstra que há uma hierarquia para a posição inicial e final como é ilustrado abaixo:

(2)



Assim, o fato significativo desta escala é que a hierarquia de posição inicial é ao contrário de posição final. Isto quer dizer que, as melhores consoantes para uma posição inicial de sílaba no português, serão as obstruintes /p, t, k, b, d, g, f, v, s, z, ʃ, ʐ/, seguidas após pelas nasais /m, n, ñ/ e após pelas líquidas /l, I, r, ʀ/ e ao último lugar - pelas glides /y e w/ e pelas vogais.

A posição final ótima, para a sílaba do português, inicia-se pelas vogais, decrescendo na escala até as obstruintes.

Segundo Vennemann (1972 d) as regras de sílabação podem ser determinadas em termos de força consonantal.

E a partir desta proposição, Vennemann (1972 d) demonstra que as obstruintes concentram a maior força, enquanto as nasais apresentam um decréscimo de força e as líquidas e glides concentram a menor força.

Para Hooper (1976:199):

"A razão para a preferência, dada por Vennemann à sílabação em termos de força, e não através de traços distintivos dos segmentos, é pela correlação entre um traço de força das consoantes com a força de posição da sílaba".

Vennemann considera que há posições fortes e fracas na sílaba e que uma posição fraca será ocupada por uma das consoantes mais fracas e, do mesmo modo, a posição forte será ocupada por consoantes fortes.

Um outro critério para definir segmentos fortes e fracos é dado por Foley (1977) (Apud Hyman, 1975:166), onde os segmentos mais fortes são mais resistentes ao processo de enfraquecimento.

Baseada em Vennemann, Hooper estabelece uma hierarquia universal de força e, ao mesmo tempo, afirma que para ela, esta hierarquia é universal, mas não absoluta, considerando que há relações de força em línguas específicas, e que as mesmas

podem ser violadas, porém esta tendência universal para estas violações, pode ser explicada pela Fonética.

Hierarquia universal de força estabelecida por Hooper (1976:206):

(3)

glides	líquidas	nasais	contínuos sonoros	contínuos	oclusivo
				surdos	oclusivos surdo sonoros
1	2	3	4	5	6

A respeito de sua hierarquia, salienta Hooper, que não foi possível descobrir uma relação universal de força entre contínuos surdos e oclusivos surdos. Porém, estabelece ela, que isto não tem importância, porque a diferença entre as duas classes não é significativa e a relação entre estes tipos de C pode ser sempre especificada pela fonética e fatores históricos de uma língua específica.

Observa ainda Hooper, que um importante tipo de consoante não foi colocado na hierarquia de força, a africada, porque esta dependerá das propriedades fonéticas de uma língua específica e de sua relação com as outras consoantes dentro de um sistema lingüístico.

2.2 - Escala de Força para as Consoantes do Português

A escala de força, abaixo, é uma tentativa de hierar-
quização de força para as consoantes do português. A hierar-
quia, aqui, proposta para o português é baseada na Hierarquia
Universal de Força de Hooper (em (2)) e num estilo casual de
fala, por se considerar este estilo intermediário entre o es-
tilo cuidado e o acelerado.

Hierarquia de Força para as Consoantes do Português

(4)

								f	v
								b	p
y			n					d	t
m	r	l	ɲ	ɳ				g	k
									ç
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Como foi mencionado anteriormente, Hooper não coloca,
em sua Hierarquia Universal de Força, a africada. Porém, de-
acordo com Foley (1970) (Apud Hooper, 1976:206), que conside-
ra a africada, como uma consequência de uma fortificação de
oclusiva surda e por esta razão a considera uma das consoan-
tes mais fortes. E a exemplo de Foley, incluiu-se também a
africada nesta escala, levando-se em conta o fenômeno da pa-
letização dos coronais /d/ e /t/ quando seguidos de /i/.

No português, ocorre, em variação livre, a palatização
dos coronais /d/ e /t/ seguidas de /i/ nos três estilos: cui-
dado, casual e acelerado. E como na fonologia Gerativa Natu-
ralista, as formas subjacentes representadas, rigorosamente, as
formas fonéticas de superfície e as formas fonéticas, por
sua vez, quem a escolhe das formas subjacentes, deve-se in-
cluir nesta escala de força do português as africadas ($\begin{smallmatrix} v \\ c \end{smallmatrix}$) e
($\begin{smallmatrix} v \\ ç \end{smallmatrix}$).

Além disso, as africadas ocorrem, no estilo casual, no
início de sílaba e sabe-se que a posição de início de sílaba
é uma posição forte ocupada por consoantes fortes tais como
/t/; que ocupa nesta escala de força o grau 10, ou o /d/ que
ocupa o grau 9.

Com a africadação, as coronais /t/ e /d/ deslocam-se pa-
ra uma posição mais forte dentro da escala, passando a cor-
nal /d/, quando africada, para o grau 10 na posição ocupada
por oclusivas surdas. E o /t/, quando africado, ocupará a po-
sição mais forte da escala de força do português.

O /d/, nesta escala de força, é menos forte do que o
/t/ por duas razões:

- a) a primeira, que se pode considerar, é por ser son-
ro. As consoantes surdas obstruintes são mais for-
tes do que as sonoras.
- b) em segundo lugar, o /t/ ocorre em grupos consonan-
tais, no início de sílaba, com a lateral líquida -
/l/ como em /tl/ de atlético.

Já o /d/ não se combina com /l/, combinando-se somen-
te com /r/, como em /drega/. Logo, a africada resultante de
/d/, ($\begin{smallmatrix} v \\ ç \end{smallmatrix}$), será mais forte do que /d/, dado a força de atri-
cação, e menos forte do que ($\begin{smallmatrix} v \\ c \end{smallmatrix}$), por ser sonora. E, por es-
tas razões, incluiu-se o ($\begin{smallmatrix} v \\ ç \end{smallmatrix}$) em 9 na escala de força onde
se situam as obstruintes surdas, e o ($\begin{smallmatrix} v \\ c \end{smallmatrix}$), por ser surdo,
será a consoante mais forte da escala de força.

Quanto às oclusivas, colocadas em 9 e 10 na escala de
força, não apresentam, estas consoantes, maiores problemas,

pois as oclusivas surdas são mais fortes do que as sonoras. E tanto as oclusivas surdas como as sonoras se combinam com /x/ e /l/ em seqüências no início de sílaba.

Mas com a inclusão do /f/ em 9 na escala de força, e considerando que não é oclusivo e sim fricativo surdo, cabe uma justificativa, desde que cada fricativo surdo /f/, /s/ e /ʃ/ apresenta diferente comportamento para a silabação.

No português, o /f/ ocorre como primeiro membro em posição inicial de sílaba, bem como o /s/ e o /ʃ/, mas o /f/ não ocorre no final de sílaba em português. Ao passo que o /s/ aparece em posição final de sílaba variando, livremente, com /ʃ/ em algumas regiões do Brasil.

Outro aspecto que se deve considerar para a maior força de /f/ sobre outras fricativas surdas, é o fato deste - segundo combinar-se em seqüências iniciais de sílaba com /x/ e /l/ como em frio e fleute ao passo que /s/ e /ʃ/ não se combinam com estas fonemas nesta posição silábica. Estes fatos sobre a distribuição destas consoantes na sílaba de terminam uma prioridade de força para /f/, colocado na escala de força como 9, em igualdade de força com as oclusivas sonoras.

Quanto ao /s/, é colocado na escala de força em 7, de acordo com a sua distribuição e assimilação em posição final e porque as consoantes em finais de sílaba não podem exceder a 7 na escala de força, como uma condição de silabação do português.

Além disto, o /s/ também só ocorre em posição ini -

cial seguido de glide e nunca antes de líquidos. Entretanto, o /s/ é comum na posição final de sílaba no português e como demonstra Hooper (1976:217) para o espanhol:

"A frequência de /s/ em posição final é significativa, enquanto demonstra, historicamente, a estabilidade de /s/ nesta posição. Enquanto as outras obstruintes tendem a ser alteradas ou perdidas na posição final de sílaba, /s/ muito consistentemente permanece, o que mostra que /s/ tem a força compatível com a posição final de sílaba".

É válida, também, a afirmativa de Hooper para o português, onde o /s/ apresenta as mesmas características históricas e sincronicamente o /s/ apresenta, nesta posição, sinais de enfraquecimento pelas constantes assimilações a que está sujeito.

Já a fricativa /ʃ/ é mais forte do que /s/ e se colocou em 8 na escala de força, porque o /ʃ/ não ocorre em posição final de sílaba, e não ser em variação livre regional, com /s/. Mas mesmo aí, nunca ocorrerá antes de /l/, como por exemplo em islâmico, porque o /s/, nesta posição assimila as traços de sonoridade da consoante seguinte e diante de /l/, no exemplo acima, poderá ocorrer /x/ ou /ʒ/, nunca /ʃ/. E o /ʃ/, numa evidente prova de força em relação a /l/, aparece depois de /l/ como em colícha ['kolʃɨv].

As fricativas sonoras /z/ e /ʒ/ foram agrupadas com /ʃ/, dado que são mais fortes do que /s/ e menos fortes do que /v/, pois não se combinam, em seqüências iniciais de sílaba, com /l/ e /x/, ao passo que /v/ se combina com /x/.

Quanto ao /v/, que está colocado abaixo de /f/ na es

cala de força, justifica-se a sua inclusão pela sua distribuição, que ocorre, unicamente, em posição inicial de sílaba e também por aceitar a formação de sequência inicial de sílaba com /x/, como em livro [liβvu]. Outra razão é que o /v/ é uma fricativa sonora e portanto é mais fraca do que /r/, uma fricativa surda.

Deve-se, ainda, explicar a colocação das líquidas na escala de força. No português, há três líquidas: /r/, /ʀ/ e /l/. O /ʀ/ vibrante, resultado de vibração múltiplas, faz com que esta consoante se torne mais forte do que os demais membros do grupo das líquidas. O /ʀ/ pode ocorrer em duas posições no português, em posição inicial de sílaba em Cm e em Cr, na posição final de sílaba, como em rsiva [ʀeyvɐ] e Irlanda [iʀlɐ̃dɐ̃].

O /ʀ/ vibrante varia livremente, em algumas regiões, com uma fricativa bem retraída, que se pode apresentar surda ou sonora. A variação de /ʀ/ para uma fricativa pode ser encarada como um fator de enfraquecimento de vibrante (Hooper, 1976:212), todavia se se atentar para as características de fricativa, que é uma obstruinte, ver-se-á que o /ʀ/ pode ser colocado em B na escala de força, juntamente com /v/, pois, sem dúvida, é uma consoante forte, principalmente porque ocorre em início de sílaba. Assim, embora /ʀ/ apresente-se no grupo das líquidas, é superior em força aos demais.

Quanto à /r/ e /l/, a lateral líquida é mais forte do que a líquida não lateral. Hooper (1976:212) demonstra para o espanhol que seqüências de /lʀ/ requerem uma fortificação de /r/ para /ʀ/ na posição inicial de sílaba. O mesmo acontece no português, quando uma consoante fecha a sílaba,

/l/ ou outra, o início de sílaba seguinte, se for /r/, deverá se tornar forte: /lʀ/. É esta fortificação que justifica-se com as palavras textuais de Hooper, quando diz:

"Eu atribuirei esta fortificação para um princípio geral que requer que a primeira consoante de uma sílaba seja mais forte do que a última consoante da sílaba precedente" (Hooper, 1976 : 212).

Assim como /l/ depois de /r/ não necessita fortificar-se como em Irlanda, berlinda, provendo-se deste modo que /l/ é mais forte do que /r/.

Por estas razões, acima expostas, o /r/ está abaixo de /l/ na escala de força. Um outro fator, ainda, de enfraquecimento do /r/ no português, se verifica nas seqüências iniciais de sílaba, em /pl/, /bl/, /fl/, onde é freqüente a troca, no falar, para [pr], [br] e [fr], por ser /r/ mais fraco do que /l/.

2.3 - Escala de Força para as Vogais do Português.

Há entre os teóricos, em particular Vennemann e Hooper, a suposição de uma escala de força para as vogais, variando de língua para língua, podendo ser determinada na base de redução das vogais.

Em português, o processo sincrônico de redução das vogais se realiza através dos seguintes recursos: levantamento de vogais médias em sílabas fracas, particularmente em sílabas de final de palavra; epântese do /i/ para permitir certos finais de sílaba; palatalização através do /j/. Todos estes

processos são índices claros de valoração de algumas vogais sob o enfraquecimento de outras.

Com base nos casos de reduções vocálicas do Português, pode-se afirmar que, no português, as vogais médias são mais fortes do que as vogais altas. A vogal baixa /a/, numa escala de força, é a mais forte, pois o /a/ nunca sofre reduções ou eliminações, enquanto as demais vogais sofrem.

As vogais anteriores são, em geral, mais fracas do que as vogais recuadas, porque as vogais recuadas são reforçadas, pelo traço de [+arredondado]. E as vogais altas, mais fracas do que as médias e baixas.

No português, há evidências de que a vogal mais fraca seja a vogal /i/, pelas reduções e a sua atuação como vogal mínima na epêntese e palatalização, que, em última instância, são processos redutores.

Assim as vogais do português podem ser arranjadas em uma escala de força como segue:

Escala de força para as vogais:

(5)

i	e	u	o	ɛ	ɔ	a
—————→						
1	2	3	4	5	6	7

Nesta escala de força para as vogais do português, o /i/ será 1, considerando-se que é a vogal mais fraca desta escala e /a/ será 7, por ser a vogal mais forte do português.

3 - A SILABAÇÃO NO PORTUGUÊS

No presente trabalho, após se ter examinado a sílaba, focalizando-se os segmentos que a compõem na posição de início (onset), núcleo e fim (code), bem como o relacionamento destes elementos com a força das consoantes e vogais e ainda, após o exame das várias restrições a que estes elementos estão sujeitos de acordo com as condições estabelecidas para a estrutura da sílaba do português, pode-se aplicar as regras de inserção, formalizadas por Hooper.

3.1 - Regras para a Silabação no Português

Para efeito de silabação no português, transcrever-se-á a regra universal para a silabação de Hooper,

Regra Universal de Hooper para inserção do limite de sílaba.

(1)

$$\beta \rightarrow \$/ [+siláb.] \left\langle \begin{array}{l} \left[\begin{array}{l} -[-silábico]_0^1 \\ [-soante] \left[\begin{array}{l} [+soante] \\ [-nasal]_0 \end{array} \right] \end{array} \right] \left[+silábico \right]_0^B \\ \left[-silábico \right]_0 \left[\begin{array}{l} [+cons.] \\ [-cons.]_0 \end{array} \right] \end{array} \right\rangle \begin{array}{l} A \\ C \end{array}$$

Em (1) apresentou-se a regra geral para a silabação proposta por Hooper e agora se examinará as partes, que compõem esta regra de inserção, para delimitar a fronteira da sílaba do português.

(2)

$$\beta \rightarrow \$/ [+silábico] \text{ — } [+silábico]$$

Esta parte da regra (1) assina-se lê: insere-se um limite da \$ entre dois segmentos silábicos contíguos.

Exemplos:

(3)

af a \$ f

vão vã \$ o

enjão enjã \$ o

lua lu \$ a

tu tu \$ a

di di \$ a

A próxima parte da regra de inserção do limite de sílaba será vista em (4).

(4)

$$\beta \longrightarrow \$/ [+silábico] \text{ — } [-silábico] [+silábico]$$

Regra (4) se interpreta no sentido de que se houver somente um segmento não-silábico entre dois segmentos silábicos, o limite da sílaba ocorrerá antes do segmento não-silábico.

Exemplos:

(5)

ua uã \$ a

pa pa \$ ta

oa oã \$ a

ma mã \$ le \$ ta

oa oã \$ ca

ia iã \$ da

<u>meta</u>	me <u>ta</u>
<u>ema</u>	e <u>ma</u>
<u>eva</u>	e <u>va</u>
<u>ava</u>	a <u>va</u>
<u>cabana</u>	ca <u>ba</u> na

A regra (4) não somente insere o limite da sílaba nas exceções de segmentos acima, como também define o tipo universal de sílaba: CV.

A terceira parte da regra (1) assim se formaliza:

(6)

$$\beta \rightarrow \xi / \left[\begin{array}{l} +\text{silábico} \\ -\text{silábico} \end{array} \right]_{\beta} \left[\begin{array}{l} -\text{soante} \\ +\text{soante} \end{array} \right] \left[\begin{array}{l} +\text{silá-} \\ -\text{nasal} \end{array} \right]_{\beta} \left[\begin{array}{l} +\text{silá-} \\ \text{bico} \end{array} \right]$$

Quando dois ou mais segmentos não-silábicos ocorrem juntos, há várias opções quanto à divisão silábica, respeitando-se os traços destes segmentos.

Se há dois segmentos não-soantes, o limite da sílaba será inserido entre eles.

Exemplos:

(7)

<u>apto</u>	ap <u>to</u>
<u>rapto</u>	rap <u>to</u>
<u>capto</u>	cap <u>to</u>
<u>absoluto</u>	ab <u>s</u> oluto
<u>adjetivo</u>	ad <u>je</u> tivo
<u>advogado</u>	ad <u>vo</u> gado

Esta parte da regra só opera no português no estilo cuidado, onde não se realiza a regra da epêntese do /i/, que caracteriza o estilo casual e o acelerado e ao mesmo tempo a que transforma o encontro deste tipo de segmentos em sílabas bertas.

Se há um segmento não-soante (não seguido por um nasal), o limite da sílaba ξ é inserido antes dele, não importando quais são os outros segmentos.

Exemplos:

(8)

<u>srta</u>	sr <u>ta</u>
<u>atlântico</u>	a <u>t</u> lântico
<u>escravo</u>	es <u>cr</u> avo

Deste modo, quando ocorrer obstruintes seguidas de glides ou líquidas, insere-se o limite da sílaba antes do primeiro segmento como se vê nos exemplos abaixo:

(9)

<u>igual</u>	i\$igual
<u>pedre</u>	pe\$dre
<u>siola</u>	si\$ola
<u>áqua</u>	á\$qua

A regra (6) é a regra que identifica as seqüências de consoantes em posição inicial de sílaba, seqüências estas formadas por uma obstruinte + uma líquida ou uma consoante seguida por um glide.

A regra (6) em relação ao /a/ apresenta um pequeno problema. Se por um lado esta regra coloca o \$ estabelecendo o limite da sílaba entre o /a/ e a obstruinte seguinte se o 'cluster' for rodeado de vogais: /Va\$TV/. Assim, gerando resultados corretos para o português como em as\$tar, es\$pecial, por outro lado, a mesma regra coloca o limite da sílaba antes de 'clusters' tais como /sr/ e /sl/ e no português a divisão é respectivamente /s\$z/ e /s\$l/, demonstrando que as mesmas

restrições que agem no início da palavra no português, atuam no início da sílaba.

Hooper, porém, ao elaborar a sua regra universal para a silabação, como se viu acima em (1), já entrevia a possibilidade de exceções e elaborou uma regra adicional com as possíveis exceções,

Regra adicional à regra (1).

(10)

$$\beta \rightarrow \$ / \left[\begin{array}{l} - \text{soante} \\ + \text{coronal} \\ + \text{contínuo} \\ + \text{estridante} \end{array} \right] - \left[\begin{array}{l} + \text{consonantal} \\ + \text{vocálica} \end{array} \right] \begin{array}{l} s\$l \\ s\$r \end{array}$$

A regra (10) opera em qualquer situação em que apareçam 'clusters', que possam conter obstruintes, porém esta regra não opera com 'cluster' de nasais, líquidas e glides. Para estes casos Hooper dá a seguinte regra:

(11)

$$\beta \rightarrow \$ / [+siláb.] [-siláb.]_0 [-cons.] [-cons.]_0 [+siláb.]$$

A regra (6) estabelece que:

Se houver duas nasais, duas líquidas, líquida mais nasal, ou nasal mais líquida, a regra atuará separando estas

dois segmentos consonantais,

Exemplos:

(12)

<u>emnécia</u>	emnécia ¹
<u>honra</u>	honra
<u>alma</u>	alma
<u>orla</u>	orla
<u>arma</u>	arma
<u>chilro</u>	chilro

E, ainda em relação à regra (11), se houver um segmento consonantal, ele começará a sílaba.

(13)

Exemplos:

<u>aliado</u>	aliado
<u>óleo</u>	óleo
<u>hélio</u>	hélio

¹Em 1, se repete o caso visto em (7) onde a regra acima atua somente no estilo cuidado.

orear

a\$rear

A regra de Hooper, colocada aqui com o número (1), além de definir a sílaba fonológica do português, representa uma definição universal da sílaba fonológica, operando em qualquer língua, ao mesmo em que especifica a sílaba fonológica destas línguas.

Essas regras, anteriormente, formalizadas para a sílabeção do português, quando adequadamente aplicadas, identificam não só a sílaba fonológica como a sílaba fonética, pois ambas se correspondem estritamente no português, assinalando a divisão silábica em qualquer palavra sem necessitar de nenhuma regra adicional.

3.1.1 - A sílabeção acima do nível de palavra.

A regra (1), entretanto, não identifica totalmente a sílaba do português. É necessário ainda, em adição a regra (1), uma regra que delimite a fronteira de sílaba no começo e no final de palavras. É ainda uma regra que possa determinar a sílabeção em pares tais como:

(14)

a) <u>compacto</u>	/	<u>com pecto</u>
b) <u>habilidade</u>	/	<u>hábil idade</u>
c) <u>opala</u>	/	<u>o pala</u>
d) <u>combalir</u>	/	<u>com balir</u>
e) <u>aná-la</u>	/	<u>a ná-la</u>

Regra para delimitar a fronteira da sílaba no início e fim de palavras.

(15)

$$S \rightarrow S / \left\{ \begin{array}{l} \# \text{ — } [+ \text{ segmento}] \\ [+ \text{ segmento}] \text{ — } \# \end{array} \right\}$$

Algumas das exceções para a regra (15) são as seqüências de segmentos descritos em (14) acima onde se uma palavra terminar em um segmento não silábico (qualquer consoante que ocorra no coda silábica do português), e a palavra seguinte começar com um segmento silábico, a fronteira da sílaba deverá ser ajustada para ocorrer antes do segmento não silábico, como em hábil idade /a s bi s li tã dã dã/, onde o /l/ ao se desligar da primeira palavra ligando-se à segunda, elimina qualquer delimitação entre os vocábulos, pois não corre pausa entre um vocábulo e outro e com o fenômeno da ligação entre o coda da sílaba fechada final de um vocábulo com a vogel inicial do outro, a sílaba que era fechada torna-se uma sílaba aberta. E para estes casos de ligações, Mattoso Câmara (1969) afirma que a delimitação visível entre um vocábulo e outro é só através de uma juntura supra-segmental, a qual se realiza pelo acento, que no português é não só distintivo como delimitativo. Assim em habilidade /e s bi s li tã dã dã/ há um só acento tônico e pertan-

to um vocábulo e em hábil idade /'a s bi s li tã dã dã/ há dois vocábulos porque há dois acentos tônicos. E, antes de se examinar alguns exemplos de ligações silábicas acima do nível da palavra, deve-se ressaltar que este trabalho situa-se no nível da palavra e, que os exemplos, aqui, examinados, são somente ilustrativos, portanto não são exaustivos.

(16)

Exemplos:

a. repar aplicado	repa s aplicadõ
b. mal educado	ma s educadõ
c. os homens	õ s zõ mens
d. mar azul	ma s azul

Para que (a,c) sejam silabados corretamente, deve-se formular uma regra que atue acima do nível da palavra como em (17)

(17)

$$S \rightarrow [+sonora] / \text{ — } \neq \neq [+sonora]$$

A regra (17) opera nas séries (a e c) [repa s aplicadõ] e [õ s zõ mẽs], permitindo que o /l/ se torne /z/ em contextos sonoros.

Em (b), a silabação maʃleducado é típica do falar do Rio Grande do Sul e quase não ocorre em outras regiões do Brasil. E, mesmo no Rio Grande do Sul, esta silabação varia com maʃeducado, onde o /ɫ/ é vocalizado para [w].

Já em (d) ocorre a variação maʃrezul e maʃezul. No primeiro caso, o 'r' final da palavra passa para o início da palavra seguinte formando uma sílaba aberta com a vogel inicial da palavra. No segundo caso, o /r/ em final de palavra apresenta uma tendência à supressão e este fato também foi constatado no dialeto do Espírito Santo pelo professor Giles Istre (comunicação pessoal) em pesquisa com um informante, assim como no dialeto carioca por Sebastião Votro. O professor Giles Istre (comunicação pessoal) formula a hipótese que a queda do 'r' no ambiente citada pode ser o resultado de enfraquecimento naquela posição e assim a eventual eliminação do 'r' da competência dos falantes.

3.2 - Uma Definição de Sílaba para o Português

Hooper, após dar todas as regras para a silabação, apresenta a sílaba com o símbolo S e a define universalmente como:

(18)

X → S / S → S

Condição: X não contém S

Assim, finalmente, com base na regra (18), se define a sílaba do português como uma seqüência de segmentos entre dois limites de sílabas.

3.3 - A Sílaba em Relação à Palavra do Português

As palavras do português podem se constituir de até mais de oito sílabas, embora os vocábulos portugueses raramente contêm mais de sete sílabas. Estes vocábulos podem ser divididos em monossilábicos e multissilábicos. Estes últimos ainda podem contar sílabas ambissilábicas, isto é, segmentos que participam de duas sílabas ao mesmo tempo.

(19)

Monossilábicos

Monossílabos: a, es

Multissilábicos

Dissílabos: ave, cola

trissílabos: livreiro, caderno,
etc...

3.3.1 - Ambissilabidade

A noção de ambissilabidade tem sido, repetidamente, explicada em estudos fonéticos e fonológicos, sem, contudo, atingir uma adequada exploração.

Uma definição e descrição explícite sobre ambis

silbicidade, de acordo com Fujimura e Lovins (1978), é dada por Kahn (1976), o qual representa os segmentos ambissilábicos do Inglês, como resultado do movimento sobre a fronteira da sílaba fonológica.

Fujimura e Lovins (1978) assim se posicionam em relação à ambissilbicidade:

"O que é ambissilbicidade de um ponto de vista físico, ou precisamente, como a realização das regras deveriam ser formuladas incorporando ambissilbicidade, é uma intrincada e difícil questão para responder no momento. Uma definição útil é que ambissilbicidade é um segmento dos traços do final de uma sílaba com os traços do início da sílaba seguinte (p. 114)".

Examinar-se-á este conceito de ambissilbicidade focalizando-se o português.

O sistema consonantal do português estabelece um importante contraste: consoante simples vs consoantes geminadas.

- As consoantes simples podem ser fortes ou fracas dependendo da posição que possam ocupar na sílaba e na palavra.

- As consoantes geminadas são sempre fortes, pois o redobro da consoante denota um fortalecimento.

Este contraste é exemplificado em (20) e (21).

Em (20) se apresenta pares mínimos com /s/ e /r/.

(20)

Forma Fraca Forma Forte

asa assa

casa casa

caro carro

aranha arranha

Conforme as condições estruturais de silabação para as seqüências de consoantes, não se examinou seqüências de consoantes geminadas, tais como 'rr' e 'ss', e tais seqüências vistas em palavras como 'sorrir' e 'assar' podem oferecer dificuldades para a silabação, pois estas palavras podem ser silabadas como sor^rrir / so^rrrir e as^ssa / a^sssa.

Nas palavras portuguesas só se duplicam as consoantes r e s. Esta duplicação ocorre em dois casos:

a) intervocalicamente, em posição fraca, quando devem representar os sons fortes de 'r' e 's' iniciais de sílaba em palavras como 'assar' e 'carro'.

b) quando, na formação de palavras, seguir, sem

interposição do hífen, palavra começada por uma destas consoantes dobra-se o 'r' e o 's' como em: pressentimento, irreal.

As consoantes simples 'r' e 's' são fortes em posição inicial de sílaba em início de palavras e em início de sílaba em posição pós-consoantal, como em sepo [səpu] e calçada [kʁisadɾ].

O 'r' inicial em palavras, por ser forte, é prolongado como se pode ver nesta brincadeira infantil:

O Reto Resu a Roupa do Rei da Roma e a Rainha,
da Raiva, Raagou a Roupa.

O 'r' fraco jamais ocorre em posição inicial de sílaba em início de palavra e, para Foley, (1972: 111) este 'r' líquido latino permanece em posição medial (latim eras → português eras), mas se fortalece inicialmente, para 'r' longo "rr". E, do mesmo modo que o 's' continuo latino, permanece em posição medial (cousa → coisa), mas se fortalece inicialmente (esca → escala).

E para concluir esta argumentação sobre fortalecimento e enfraquecimento destas consoantes, veja-se a colocação que faz Foley:

"Fortalecimento ocorre preferencialmente com elementos fortes em ambientes fortes, enfraquecimento ocorre preferencialmente com elementos fracos em ambientes fracos. Se o mesmo elemento ocorre em ambas as po-

sições forte e fraca, ele fortalecerá preferencialmente na posição forte, enfraquecendo preferencialmente na posição fraca. Se dois elementos ocorrem na mesma posição forte, o mais forte será preferencialmente fortalecido. Se dois elementos ocorrem na posição fraca, o mais fraco preferencialmente enfraquecerá" (Foley, 1977: 111).

Em (21), abaixo, o que deve ser examinado, relacione-se com a ambissilabidade em palavras multisilábicas, que apresentam seqüências intervocálicas de duas consoantes não geminadas na grafia, como no caso dos dígrafos de /s/. Todas as representações gráficas de /s/, nestes casos, encobrem uma sílaba geminada ambissilábica, que se realiza nos estilos cuidado e casual. Este fato é ilustrado pela silabação de palavras, - teia como:

(21)

<u>sc</u>	<u>descer</u>	{des'ser}
<u>sc</u>	<u>cresço</u>	{'kreasçu}
<u>xc</u>	<u>exceção</u>	{es'ses'çõ}

Como nos casos acima, em muitas línguas, a silabação de seqüências geminadas é, algumas vezes, problemática quando se tem que decidir se os dois segmentos geminados formam uma sílaba ou se participam das duas sílabas sendo ambissilábicas. No português, as consoantes geminadas como foi visto em (20) e (21) realizam-se como

3.4 - Padrões Silábicos

A sílaba do português pode ser simples ou composta, com formas ou elementos que se formam:

- vogal: a, oh

- vogal combinada com consoantes: os, dos.

A sílaba composta, por sua vez, pode ser livre ou aberta, travada ou fechada, conforme o último elemento que a constitui:

- vogal: torna a sílaba aberta.

Ex.: o, do

- consoantes: torna a sílaba fechada.

Ex.: er, es, dos

O núcleo da sílaba são as vogais; a periferia, as consoantes. Como estas podem preceder ou seguir vogais tem-se a posição 'onset', quando antecede a vogal, e 'code', quando sucede a vogal. As posições onset e code são limitadas por dois segmentos cada uma, e tendo por base a estrutura das palavras monossilábicas, a forma canônica para a sílaba do português é $C_0^2VC_0^2$ exemplificada pelas formas de (22).

Padrões Silábicos

(22)

V	o
CV	lá
CCV	pra
VC	ar
VCC	ois
CVC	cal
CVCC	seus
CCVC	traí
CCVCC	quais

3.4.1 - Algumas restrições gerais à sílaba do português

As seguintes são algumas restrições à estrutura da sílaba do português e são colocadas aqui, tendo em vista a relevância destas restrições.

Toda a sílaba em português possui como núcleo u ma vogal e no estilo casual, que aqui foi analisado, as consoantes jamais são silábicas. Já no estilo esclerado podem ocorrer sílabas somente com a africada como as [mʃrʃɛ] e [õʃsɔw].

No português, as seqüências de consoantes são bastante limitadas, ocorrendo na posição inicial - somente as determinadas em 2.1. Não se fazem referência à seqüência de consoantes na posição de 'co

de', e não ser a seqüência de y ou e seguido de a ou r conforme 2.1.

Em português, nenhum 'onset' ou 'code' silábicos são maiores do que dois segmentos. A maior sílaba do português é CCVCC como em queia [kweja]. Na posição inicial de sílaba não ocorre CCCV, pois em vocábulos como 'cliente' [kly-ẽci] ocorre variação livre, podendo ser silabado como [kliẽẽci] ou [klyẽẽci] e os verdadeiros 'onssets', no português, nunca têm mais do que ums oclusiva.

As sílabas acentuadas, no português, são geralmente mais longas do que as sílabas não acentuadas; sílabas fechadas tendem a ser mais longas do que sílabas abertas. Há muito mais sílabas abertas CV do que qualquer outro padrão silábico.

Todas as consoantes iniciam sílabas, e nenhuma seqüência com mais de duas consoantes geminadas pode ocorrer em uma palavra do português, bem como nenhuma seqüência de consoantes geminadas pode iniciar palavra. É para concluir, seqüências de vogais não ocorrem no português. De acordo com as discussões no decorrer do trabalho considerou-se as glides como consoantes e em conseqüência desta abordagem não se considerou os ditongos e tritongos nesta análise.

CONCLUSÃO

Este trabalho investigou, à luz da Fonologia Gerativa Natural e de recentes propostas concretistas, a sílaba e a silabação no português.

Os resultados desta investigação fazem com que se chegue às seguintes conclusões:

- (a) As seqüências de consoantes em posição 'onset' e 'code' na sílaba do português estão em concordância com uma tendência universal, onde a força de consoante é determinada pela posição que ocupa na sílaba.
- (b) Os fortalecimentos que ocorrem na sílaba do português são posicionais, isto é, dependem da posição que os segmentos ocupam, onde certas posições são mais fortes do que outras. Segmentos em posição forte fortalecem-se, enquanto segmentos em posição fraca enfraquecem-se.

(c) A posição inicial de sílaba é mais forte do que a posição de final de sílaba; em relação à palavra, a sílaba em início de palavra é forte, ao passo que a em final de palavra é fraca, a posição inicial de sílaba pós-consonantal é forte, enquanto que a posição intervocálica é fraca.

(d) O processo do falar casual tende à criação de sílabas abertas.

(e) As regras de inserção, propostas por Hooper para a sílabação, são perfeitamente aplicáveis à sílaba do português.

(f) O português provou suportar a inclusão da sílaba como uma unidade na teoria fonológica, pois há alguns fenômenos na fonologia do português, para os quais a utilização de sílaba como uma unidade de análise pode ser não só justificada, mas necessária. Estes fenômenos são: epêntese; palatalização; fortalecimento e enfraquecimento de algumas consoantes.

Estes processos, referidos em (f), provaram evidências concernentes às propriedades da sílaba do português, desde que se encontre enfraquecimento na forma de assimilação, sonorização ou eliminação como processos comuns na posição final de sílaba, enquanto fortalecimento nunca é processo comum, restringindo-se, principalmente, à posição ini-

cial de sílaba.

Similarmente, a sílabação no português, através da inserção de vogais, usualmente quebra 'clusters' de consoantes para permitir uma estrutura de sílaba CV e, por outro lado, a inserção ou eliminação de vogais pode ser bloqueada, ao resultar, de sua aplicação, uma estrutura de sílaba não permitida pelas condições estruturais da sílaba no português.

O presente trabalho objetivou uma primeira aproximação às idéias de Vennemann e Hooper, e por tal razão não se propõe a quaisquer inferências definitivas.

Qualquer tentativa de generalização, a partir dos resultados aqui obtidos, deve ser no sentido de sugestão para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Stephen R. e Paul Kiparski, eds. (1973). A festsch
rift for Morris Halle. New York: Holt Rinehart & Winston.
- BELL, Alan e Joan Hooper, eds. (1978). Syllables and segments
Netherlands: North Holland Publishing Company.
- CAMARA JR., Joaquim M. (1969). Problemas de lingüística des
critiva. Rio de Janeiro: Vozes.
- (1959). Princípios de lingüística geral. 3 ed. Rio de Ja-
neiro: Acadêmica.
- (1953). Para o estudo de fonêmica portuguesa. Rio de Ja-
neiro: Simões.
- CHEN, M., e W. S. Y. Wang. (1975). Sound change: actuation
and implementation. *Linguage*, 51, p. 255-281.
- CHOMSKY, N., e Morris Halle. (1968). The sound pattern of
english. New York: Harper & Row.
- FOLEY, James (1977). Foundations of theoretical phonology.
Great Britain: Cambridge University Press.
- FUDGE, E. (1969). Syllables. *Journal of Linguistics*, 5, p.
253-286.
- FUJIMURA, Osamu e Julie E. Lovins (1978). Syllables as conce
tentative phonetic units. In: Bell & Hooper (1978), p.107-
120.
- GUILE, T. (1974). The amplitude scale and its implication for
phonology. *Papers From the Parasession on Natural Phonolo
gy*. Chicago: Chicago Linguistic Society.
- (1973). Glide - obstruentization and the syllable code
hierarchy. *Papers from the Ninth Regional Meeting of the
Chicago Linguistic Society*, p. 139-156.
- HANKAMER, J. e J. Aissen (1974). The sonority hierarchy. *Nat
ural Phonology Parasession*. Chicago: Chicago Linguistic
Society, p. 131-145.

- MYMAN, L. (1975). Phonology, theory and analysis. New York: Holt, Rinehart.
- HOOPER, J. B. (1972 C). The syllable in phonological Theory. Language, 48 (3), p. 525-540.
- (1976). An introduction natural generative phonology. New York: Academic Press.
- LUFT, Celso Pedro (1973). Novo guia ortográfico. Porto Alegre: Globo.
- MATEUS, M. H. M. (1975). Aspectos da fonologia portuguesa. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- NARO, J. A. (1973). Estudos diacrônicos. Patrópolis: Vozes.
- PONTES, Eunice (1972). Estrutura do verbo na português coloquial. Rio de Janeiro: Vozes.
- ROBINS, R. H. (1972). Linguística geral. [General Linguistics. Traduzido por Elizabeth Corbetta e outros. Coordenação de Neusa M. Carson]. Porto Alegre: Globo.
- ROMAN, Jakobson (1967). Fonema e fonologia. [Traduzido por Metoso Camara]. Rio de Janeiro: Livreria Acadêmica.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1949). Cours de linguistique générale. 4 ed., Paris: Payot.

- SCHANE, Sanford A. (1973). Generative phonology. New Jersey, Engle Wood Cliffs, Prentice - Hall.
- VENNEMANN, T. (1972 d). On the theory of syllabic phonology. Linguistische Berichte, 18, p. 1-18.
- (1974 b). Words and syllables in natural generative grammar. Natural Phonology Parasession, p. 346-374. Chicago: Chicago Linguistic Society.
- (1973). Phonetic features and phonological features. Lingua, 32, p. 61-74.